



Coloque-se no lugar de um **líder de grêmio estudantil** que tem se reunido com os professores para buscar estratégias de combate ao consumo de álcool e outras drogas entre os estudantes, e que depois de ler a entrevista com o professor Erikson Furtado, na Revista Revide, decide convidá-lo a dar uma palestra para os alunos e professores da escola. Escreva um **discurso de apresentação do evento**, adequado à modalidade oral formal. Você, necessariamente, deverá:

- a) apresentar um diagnóstico com alguns problemas causados pelo consumo de álcool e outras drogas; e
- b) justificar a presença do convidado, mostrando em que medida as ideias por ele expressas na entrevista podem oferecer subsídios para a superação dos problemas apontados.

### **O desafio das drogas**

O uso de drogas é um dos maiores desafios enfrentados, hoje, no mundo inteiro. Medidas adotadas em países de diferentes culturas, como liberação, restrição, proibição ou regulação de determinada substância, ainda não demonstraram um grau de eficiência suficiente para zerar o consumo. A afirmação é do professor Erikson Furtado, doutor em psiquiatria da infância e adolescência pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, e professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP), que dirige o Ambulatório de Álcool e Drogas e o Serviço de Psiquiatria Infantil do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Divisão de Psiquiatria. Segue a entrevista que o pesquisador concedeu à Revista Revide.

#### **Quando iniciou seu trabalho com usuários de drogas na USP?**

Ingressei na Universidade de São Paulo como docente em 1995 e, em 1996, constituímos um novo ambulatório para álcool e drogas e outro para adolescentes, no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Começamos, no Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, o trabalho de assistência e de pesquisa na área. Para a prevenção ao uso de substâncias psicoativas, iniciamos, em 1999, o Programa de Ações Integradas para Prevenção e Atenção a Álcool e Drogas (PAI-PAD), cuja meta era desenvolver estratégias para a atenção primária de saúde. Pouco antes, havíamos constituído um núcleo de pesquisa e começamos a desenvolver alguns projetos direcionados às questões de saúde pública. Iniciamos uma pesquisa aplicada, em parceria com a OMS (Organização Mundial da Saúde) voltada à implementação de diagnóstico precoce e intervenções breves na comunidade. Desenvolvemos ainda uma linha especial de pesquisa, com vários subprojetos: o Gesta Álcool, relacionado à gestante, o qual desdobrou-se em um seguimento (follow-up) dos filhos, denominado Infanto-Álcool, realizado até recentemente. Hoje, temos projetos realizados com jovens que vieram desse projeto original. Paralelamente, tivemos projetos voltados à população estudantil universitária da FMRP, que analisaram o uso de álcool e de drogas nessa população. Nossa atuação principal, é, portanto, voltada para o desenvolvimento da assistência, de estratégias de intervenção na rede pública, de ensino e de pesquisa.

**Na década de 80, o álcool era responsável por 80% dos casos de internação psiquiátrica. Esse quadro permanece?**

Isso não mudou tanto — apenas a proporção, mas o álcool continua liderando. O crack é um problema gravíssimo, mas, às vezes, falamos muito do crack e nos esquecemos do álcool.

**Qual a porcentagem de alcoólicos entre os internados?**

A participação do álcool nas internações psiquiátricas caiu um pouco, ao longo dos últimos anos, mas muito mais por conta das internações psiquiátricas de usuários de múltiplas drogas ou de crack/cocaína. É como se fosse um empurrando o outro e ocupando espaço na estatística — não diminuiu de fato, mas proporcionalmente. Do total de internações na urgência psiquiátrica em Ribeirão Preto, em função de substâncias psicoativas, talvez fique numa relação de 60% por álcool, 40% por outras drogas, com o crack em segundo lugar seguido da maconha.

**O álcool era tido, também, como um dos fatores de maior desintegração familiar. Isso ainda acontece?**

É difícil dizer se há uma droga que tenha maior impacto. Em geral, a desestruturação familiar está relacionada a outros fatores e a diferentes complicações durante a trajetória do usuário de drogas. Alguns acumulam problemas pela vida. No início do uso, esses problemas não são muito evidentes, mas, na medida em que avançam, a família se dá conta dos prejuízos e das dificuldades de seu familiar: o dependente começa a perder o controle sobre a substância; a ter problema no trabalho; a se distanciar de seus compromissos; a não conseguir mais financiar as drogas; a passar a gastar mais dinheiro e a desviar recursos da família para financiar o vício, a família acorda. No caso do álcool, esse processo é mais lento do que no crack. Quando o dependente de álcool chega até nós, já tem 20 anos de história; o que vem do crack, às vezes, tem cinco anos. O tempo para acumular problemas é diferente entre uma droga e outra.

**Quem começa a se drogar mais jovem: o usuário do álcool ou o do crack?**

O usuário do álcool inicia mais cedo, por volta dos 12 ou 13 anos e, muitas vezes, com a participação de familiares, devido à alta tolerância entre os adultos acerca do consumo de álcool por jovens. É lógico que nem todo mundo que experimenta álcool nessa idade terá problema imediatamente, mas, por várias razões, o risco é maior para os indivíduos mais vulneráveis — quanto mais cedo começam, mais cedo se tornam problemáticos. Devemos evitar, ao máximo, o contato dos jovens com o álcool. No caso das outras drogas, o processo demora um pouco mais, aos 14 ou 16 anos. Alguns começam a ter contato com maconha ou cocaína, devido à interação com seus pares, na escola, na vizinhança e nos grupos que frequentam. A experimentação envolve certo engajamento.

**Como prevenir o uso de drogas?**

Existem medidas universais, como o nível de informação: quanto mais conhecimento fornecemos às pessoas, mais capazes elas são de tomar decisões. No entanto, vemos na mídia informações conflitantes ou contraditórias, que dificultam as decisões, mantendo um nível de dúvida permanente. Em relação à maconha, por exemplo, há informações desconstruídas, como quando se diz que pode se fazer uso medicinal da erva. Muito do que se pesquisa em nosso departamento sobre uso medicinal, pelos doutores Zuardi, Crippa e Hallack, é a respeito, não da maconha como um todo, mas do canabidiol, uma substância extraída da planta e que não causa vício. A imprensa é movida por diferentes fatores e não podemos deixar essa informação a cargo somente dos meios de comunicação. Por outro lado, o Estado e o setor público têm a obrigação de levar informações para prevenção e, nesse sentido, há pouca veiculação, não apenas em relação ao volume de recursos utilizados para difundi-las, mas na efetividade. Quantos cidadãos, se perguntados, serão capazes de demonstrar conhecimento e capacidade de decisão sobre o tema? É o que chamamos de literacia, que equivale a letramento nas questões de saúde. Todo cidadão tem que estar alfabetizado para o tema “uso de substâncias psicoativas”.

**Qual é o papel da escola na prevenção?**

A escola é um espaço importante para a conscientização. É o espaço oficial para o treinamento intelectual do cidadão. Nesse sentido, muito da educação para a saúde ocorre dentro da escola, onde as crianças aprendem biologia e fisiologia do corpo humano, por exemplo. Nesse espaço, a criança pode assimilar conceitos básicos. Acho que seria um pouco exagerado colocar na escola a responsabilidade final, mas ela tem que fazer a parte dela. Infelizmente, falta definição curricular e formação de professores sobre o tema. Outra questão é: de que adianta um professor trabalhar o assunto se, no final do ano, os alunos comemoram sua formatura em uma viagem a Porto Seguro para passear na “passarela do álcool”? Ou então, se aos 15 anos uma garota ganha uma festa na qual é permitido beber?

Este material está registrado em cartório sob a Lei dos Direitos Autorais. Assim, “é vedada a reprodução deste material — seja para fins didáticos ou comerciais — sem a devida autorização da autora. LEI Nº 9.610, de 19 de fevereiro, 1998.